

SARTORELLO, Claudio Stefano. 2016.
**La Co-teorización Intercultural de um
Modelo Educativo em Chiapas, México**
Quito: Editorial Abya-Yala, 1a ed., 305 p.

Maxim Repetto^a
Mávera T. Santos^b

A presente obra é uma versão revisada da tese de doutorado defendida em 2013 pelo Programa de Doutorado Interinstitucional em Educação (DIE) pela Universidade Iberoamericana da cidade do México, tendo como problema de estudo a investigação e análise crítica do *Modelo curricular de educación intercultural bilingüe da Unión de Maestros de la Nueva Educación para México* (UNEM). Essa proposta educativa intercultural para escolas de nível primário no meio indígena foi desenvolvido em Chiapas-México, entre novembro de 2006 a dezembro de 2008 por um grupo de colaboradores: educadores comu-

a Doutor em Antropologia Social. Professor no Curso de Licenciatura Intercultural, Instituto Insikiran de Formação Superior Indígena (UFRR). Email: maxim.repetto@yahoo.com.br.

b Graduada em Licenciatura/Bacharelado em História (UFRR). Mestre em Sociedade e Fronteiras (UFRR). Email: mavera.bv15@hotmail.com.

nitários mayas (*tse'tales*, *tsotziles* y *ch'oles*) e integrantes da UNEM, além de assessores acadêmicos não indígenas).

A referência teórica desta pesquisa se fundamenta na concepção crítica da interculturalidade, em que se assume um ponto de partida e marco referencial do conflito intercultural que se caracteriza nas relações assimétricas entre sociedades indígenas e sociedade nacional. Essa concepção crítica de interculturalidade se sustenta em um posicionamento político contra-hegemônico assumido por diferentes organizações indígenas latino-americanas, como a UNEM, que se opõe ao sistema neoliberal dominante e suas políticas educativas implementadas principalmente pelo sistema econômico através das políticas oficiais dos Estados Nacionais.

Este trabalho educativo desenvolvido pelos professores da UNEM, segundo o autor, é profundamente político e deve ser interpretado dentro de uma conjuntura histórica e política que caracteriza o México nos finais do século XX e início do século XXI, particularmente do Estado de Chiapas, a partir do levantamento armado do EZLN (Exército Zapatista de Libertação Nacional). Neste contexto a UNEM constrói propostas próprias que se diferenciam das propostas educativas oficiais do Estado Mexicano, mas também de outros movimentos sociais de base.

Neste sentido a pesquisa apresentada aborda tanto uma dimensão política quanto uma dimensão pedagógica, desenvolvendo dessa forma dois eixos principais de análise e investigação. Conforme o autor, essas categorias são diferenciadas, mas se integram no interesse de desenvolver um trabalho colaborativo e intercultural, pensado horizontalmente, e buscando analisar e compreender os processos de aprendizagem indígena e não indígena, como parte de uma proposta política-pedagógica que está na base do processo de construção do *Modelo Curricular Intercultural Bilingüe* da UNEM.

O trabalho apresenta diferentes relações colaborativas, as quais também podem ser conflitivas, apresentando diferentes formas de conhecimento educativo e intercultural, mostrando, também, formas

diferenciadas de construir conhecimento, tanto Maya como não indígena. Neste sentido a pesquisa está dividida em seis capítulos a qual apresentaremos a seguir.

O primeiro capítulo apresenta o desenvolvimento do processo curricular, a partir de uma reflexão sobre os princípios da pedagogia Maya, enfatizando o conflito intercultural entre a educação bilíngue que se pratica na escola oficial, o que para o autor causa as ‘crises’ na educação bilíngue oficial em Chiapas, e a pedagogia própria dos mayas, que se rege por princípios sociais e culturais próprios e diferentes dos promovidos pelo Estado.

Ainda neste capítulo se analisa a repercussão no campo educativo do Chiapas sobre as questões relacionadas aos processos escolares oficiais e zapatista. Sendo que este último defende uma educação autônoma, o que desencadeou reações por parte do governo mexicano. Estas experiências de busca de autonomia mobilizaram processos importantes de apropriação étnica e civil da educação por parte dos movimentos e organizações indígenas. Neste sentido o autor analisa os documentos da trajetória educativa da UNEM, desde a sua fundação em 1995 até a atualidade, mostrando todo um contexto histórico e político da região, quesito importante para a compreensão do leitor.

No segundo capítulo, Sartorello apresenta o pensamento que sustenta sua análise e interpretação da interculturalidade como categoria de análise, mostrando uma análise do contexto latino-americano. Aborda o tema da educação com enfoque intercultural para a construção do marco teórico da proposta educativa, com uma abordagem da literatura sobre interculturalidade que se produziu ao longo dos anos na América Latina, observando vários aspectos relativos a diversidade de sentidos e usos do termo interculturalidade.

Sartorello discute no terceiro capítulo o desenvolvimento de uma epistemologia crítica e intercultural. Explicita a metodologia de investigação e interpretação dos materiais etnográficos que sustentam o desenvolvimento da proposta da UNEM, apontando setores que contribuíram grandemente para compreender futuros processo colabora-

tivos e de construção de propostas educativas interculturais, as quais contaram com a colaboração de organizações indígenas e assessores acadêmicos não indígenas.

No quarto capítulo o debate se desenvolve em torno de algumas perguntas que orientaram os debates e a construção de novas propostas curriculares, tais como: *'como queremos formar nossos filhos? quais conhecimentos próprios da comunidade queremos trabalhar na escola? Quais valores das comunidades podem e devem ser tratados na escola indígena?'* Assim o autor discute a construção de propostas educativas, na medida em que tentavam articular conhecimento escolar convencional e conhecimentos comunitários, a fim de formular a proposta pedagógica para valorizar os conhecimentos científicos e comunitários.

Neste sentido esse capítulo visou analisar criticamente o processo de construção do perfil do modelo curricular, dando ênfase à metodologia que orientou a formulação curricular indutivamente, bem como, orientou os planejamentos, reflexões e debates em que participaram diferentes colaboradores.

No quinto capítulo o autor aborda o Método Indutivo Intercultural (MII), como um referencial teórico e metodológico que orienta o processo de ensino-aprendizagem no modelo curricular da UNEM, que é o seu objeto central de estudo. Ainda neste, aborda o histórico do MII desenvolvido originalmente por Jorge Gasché, Jessica Martínez, Carmen Gallegos e seus colaboradores, experiência na qual formalizaram princípios e propostas para uma pedagogia indígena dos povos da Amazônia peruana.

O autor aponta a importância do MII para os educadores da UNEM como uma nova prática educativa, que parte dos conhecimentos culturais e línguas indígenas sustentados em situações reais, ou seja, a partir das atividades sociais das comunidades indígenas, como uma base para a formação escolar. Para o autor o MII teve uma grande importância no desenvolvimento de novos processos de ensino-aprendizagem a partir das atividades sociais produtivas, rituais e recreativas realizadas pela comunidade.

Outro elemento que o autor ressalta, quando se discute o método, são as formas de aprender e desenvolver as atividades de acordo com a cosmovisão indígena. Ele diz que em primeiro lugar os colaboradores indígenas interpretam e se apropriam da proposta original do MII, enriquecendo sua pedagogia para o desenvolvimento dos conhecimentos escolares desde as atividades que praticam em suas comunidades, visando integrar a escola formal às maneiras culturalmente próprias de ensinar e aprender.

Por último, problematiza e sintetiza o que chama de Metodologia Arraigada Intercultural (MAI) analisando o processo de co-teorização da categoria intercultural '*maestro acompañante*'. Para o autor o processo da MAI ajudou a enfrentar de maneira propositiva o conflito intercultural que existe de diferentes formas, principalmente no que se refere aos professores indígenas e não indígenas da região. Neste sentido a discussão do autor sobre interculturalidade e sua teorização se faz presente a todo o momento, nos fazendo repensar atitudes e valores frente a um modelo de ensino nas comunidades indígenas que propositalmente impõe as visões da sociedade dominante.

Embora a obra seja sobre povos indígenas no México, torna-se importante para debater o sentido de interculturalidade na América Latina, principalmente quando se trata de educação intercultural voltada para os povos indígenas e os processos de ensino-aprendizagem e valorização cultural.

Vale ressaltar também que os povos com quem trabalhou foram os que reivindicaram o assessoramento no processo de elaboração do modelo curricular na qual se embasa esta pesquisa. Contudo é importante firmar que este debate que Sartorello apresenta é de grande importância para quem discute o Método Indutivo Intercultural, mas também para todos os que pretendem aventurar-se pelos caminhos da educação intercultural.

Recebido em Junho 2019.

Aprovado em Julho 2019.